

Atas das 4<sup>as</sup>

# CONFERÊNCIAS DO MUSEU DE LAMEGO / CITCEM

2016  15 de julho

## VINDOS DE LONGE



ESTRANGEIROS NO DOURO



ATAS das 4<sup>as</sup>

**CONFERÊNCIAS DO MUSEU DE LAMEGO /CITCEM – 2016**

**VINDOS DE LONGE. ESTRANGEIROS NO DOURO**

Disponível online em [www.museudelamego.pt](http://www.museudelamego.pt)

#### ABREVIATURAS

**CI&DETS** – Centro de Estudos em Educação, Tecnologias e Saúde

**CEGOT** – Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território da FLUP

**CITCEM** – Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória

**MON - CNRS** – Centre National de la Recherche Scientifique, Lyon

**DL** – Diocese de Lamego

**DRCN** – Direção Regional de Cultura do Norte

**ESTGL** – Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Lamego – Instituto Politécnico de Viseu

**FLUP** – Faculdade de Letras da Universidade do Porto

**FLUP-CEGOT** - Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território da Faculdade de Letras da Universidade do Porto

**IPP** – Instituto Politécnico do Porto

**ML** – Museu de Lamego



## ORGANIZAÇÃO

ML-DRCN / CITCEM- FLUP

## AUTORES

Amândio Barros (CITCEM; IPP)  
Didiana Fernandes (ESTGL; CI&DETS)  
Fátima Matos (FLUP/CEGOT)  
Gaspar Martins Pereira (CITCEM)  
Maria do Carmo Serén (CITCEM)  
Mário Jorge Barroca (CITCEM)  
Pedro Pereira (CITCEM/MOM-CNRS)

## CONCEÇÃO E COMPOSIÇÃO GRÁFICA

Pe. Hermínio Lopes (DL)

## IMAGEM DE CAPA

"Rio Douro"; Cónego José Correia de Noronha; 2ª metade de século XX © Museu de Lamego - Direção Regional de Cultura do Norte

## EDIÇÃO

Museu de Lamego - Direção Regional de Cultura do Norte

## DATA DE EDIÇÃO

Dezembro de 2016

## e-ISBN

978-989-99516-2-4

O conteúdo dos textos, direitos de imagem e opção ortográfica são da responsabilidade dos autores.



**R CULTURA**  
**D NORTE**



## APOIOS

Liga dos Amigos do Museu de Lamego  
Diocese de Lamego  
Município de Lamego  
Hotel Lamego  
SoltaGiga  
Casa de Santo António, Britiande  
ESTGL - Escola Superior de Tecnologia e Gestão, Lamego

# Trabalhadores galegos no Douro vinhateiro

**Gaspar Martins Pereira**

Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Investigador do CITCEM

À memória de  
**José Alexandre Roseira**

### **Nota biográfica:**

**Gaspar Martins Pereira** é Professor catedrático do Departamento de História e de Estudos Políticos e Internacionais da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Investigador do CITCEM - Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço & Memória». Tem desenvolvido investigação nas áreas de História Urbana, História Social, História Empresarial e História da Vinha e do Vinho. É autor de diversas obras, de que se destacam, entre as publicações mais recentes, *Crise e Reconstrução. O Douro e o Vinho do Porto no século XIX* (coord., Porto, 2010), *Roriz. História de uma Quinta no Coração do Douro* (Porto, 2011), *Alves Redol e o Douro. Correspondência para Francisco Tavares Teles* (org., Porto, 2013), *Unicer, uma longa história* (Leça do Balio, 2014).

### Resumo

O trabalho intensivo nas vinhas durienses, devido à escassez da mão-de-obra local, dependeu, durante séculos, da atracção de populações pobres das regiões vizinhas. Com o desenvolvimento do comércio dos vinhos generosos do Douro, a partir de finais do século XVII, quando despertaram a preferência do mercado britânico, alastrou a plantação de novas vinhas e aumentou a necessidade de trabalhadores para o seu granjeio. Nessa altura, o Douro passou a atrair também muitos galegos, sobretudo para as fainas grandes das surribas, das plantações, da construção de socialcos, das cavas e das vindimas, que, nas maiores quintas, chegavam a concentrar centenas de trabalhadores. Durante quase dois séculos, até ao início do século XX, todos os anos chegavam ao Douro milhares de trabalhadores galegos, em bandos, acompanhados de «empreiteiros», que negociavam alguns meses de trabalho nas quintas. Depois da destruição provocada pela filoxera, quando foi preciso reconstruir todo o vinhedo regional, muitas surribas e plantações de novas vinhas foram realizadas por galegos. A partir das primeiras décadas do século XX, os galegos deixaram de vir procurar trabalho no Douro. Desaparecidos e esquecidos, os galegos deixaram, no entanto, uma marca indelével não apenas na paisagem vinhateira monumental do Alto Douro mas também na sua população, nos hábitos que se enxertaram nas tradições locais, nos modos de dizer e de fazer, da gastronomia à religiosidade, à música ou ao imaginário popular. Nesta breve comunicação, numa perspectiva histórica sintética de longa duração, pretende-se situar o trabalho dos galegos na construção e reconstrução do Douro vinhateiro.

### Palavras-chave

Douro; Estrangeiros; «Galegos»; Trabalho.

### Abstract

Due to the shortage of local workers, the intensive work in the Douro vineyards has depended for centuries in the attraction of the people from the poor neighbouring regions. With the development of the trade of the fortified wines of the Douro, from the late seventeenth century on, when the preferences of the British market stood out, the planting of new vineyards spread and the need for workers to their “granjeio” increased. At that time, the Douro attracted many “galegos” (Galicians), especially for big chores of “surribas”, plantations, construction of terraces, “cavas” and the grape harvest, which in the larger estates, came to concentrate hundreds of workers. For nearly two centuries, until the beginning of the twentieth century, every year thousands of “galegos” workers reached the Douro in droves, accompanied by ‘contractors’ who traded a few months working on a farm. After the destruction caused by phylloxera, when it was necessary to rebuild the entire regional vineyard, many “surribas” and new vines plantations were carried out by “galegos”. After the first decades of the twentieth century, the “galegos” stopped to looking for work in the Douro. Disappeared and forgotten, the “galegos” left, however, an indelible mark not only on the monumental vineyard landscape of the Alto Douro but also in its people, habits that are grafted on local traditions in ways of saying and doing, gastronomy, religiosity, music or popular imagination. In this brief communication, a synthetic historical perspective of the long term, we intend to place the work of the “galegos” in the construction and reconstruction of the Douro wine region.

### Keywords

Douro; Foreigners; “Galegos”; Work.

## INTRODUÇÃO

O trabalho intensivo nas vinhas durienses, devido à escassez da mão-de-obra local, dependeu, durante séculos, da atracção das populações pobres transmontanas e beirãs, que afluíam ao vale nos períodos das grandes fainas vitícolas. Com o desenvolvimento do comércio dos vinhos generosos do Douro, a partir de finais do século XVII, quando despertaram a preferência do mercado britânico, alastrou a plantação de novas vinhas e aumentou a necessidade de trabalhadores para o seu granjeio. Nessa altura, o Douro passou a atrair também muitos galegos, sobretudo para as fainas grandes das surribas, das plantações, da construção de socalcos, das cavas e das vindimas, que, nas maiores quintas, chegavam a concentrar centenas de trabalhadores. Durante quase dois séculos, até ao início do século XX, todos os anos chegavam ao Douro milhares de trabalhadores galegos, em bandos, acompanhados de «empreiteiros», que negociavam alguns meses de trabalho nas quintas. Depois da destruição provocada pela filoxera, quando foi preciso reconstruir todo o vinhedo regional, muitas surribas e plantações de novas vinhas foram realizadas por galegos.

Desde as primeiras décadas do século XX, os galegos deixaram de vir procurar trabalho no Douro. Como escreveu António Barreto, “os grandes desaparecidos do Douro são um homem e um barco. [...] Os galegos, até ao século XIX, vinham à procura de trabalho, fugiam da miséria deles. São os responsáveis por grande parte dos socalcos e dos muros. Deixaram vida e sangue na vinha. Além de proletários eram imigrantes. Foram-se embora e raramente são lembrados”<sup>154</sup>.

Desaparecidos e esquecidos, os galegos deixaram uma marca indelével não apenas na paisagem vinhateira monumental do Alto Douro mas também na sua população, nos hábitos que se enxertaram nas tradições locais, nos modos de dizer e de fazer, da gastronomia à religiosidade, à música ou ao imaginário popular. Falta-nos um estudo aprofundado dos galegos no Douro, numa perspectiva histórico-antropológica, apesar de se conhecer a sua presença na região e mesmo a fixação de muitos deles, que aqui constituíram família. O escritor João de Araújo Correia, que dedicou algumas das suas crónicas aos galegos e à importância

do seu trabalho na reconstrução do Douro, sustenta que poucas seriam as famílias da Régua em que não correria sangue galego<sup>155</sup>. Cito do livro *Horas Mortas*:

*O meu pátrio Doiro, de vinhas renascidas depois do escaldão chamado filoxera é, em grande parte, obra de galegos. Por aqui ficaram alguns, regando com o seu sangue, através de gerações, o meu país vinhateiro*<sup>156</sup>.

Neste encontro sobre «os estrangeiros no Douro», creio que se justifica, por isso, uma perspectiva histórica, ainda que sintética, do trabalho dos galegos na construção e reconstrução do Douro vinhateiro.

## DO INÍCIO DA MIGRAÇÃO GALEGA AO TEMPO DA FILOXERA

Segundo Camilo Fernandez Cortizo, o grande fluxo da migração galega para Trás-os-Montes e Alto Douro ter-se-á desenvolvido após a Guerra da Sucessão de Espanha (1701-1714), quando as comunidades galegas mudaram o seu modelo migratório, substituindo os destinos tradicionais de Castela e Andaluzia pelas terras do Norte de Portugal<sup>157</sup>. Esta cronologia coincide com o período de forte expansão do vinhedo duriense, estimulada pelo aumento da procura dos seus vinhos generosos no mercado britânico. Desde então tornou-se contínua a ocupação de galegos nos trabalhos mais duros da viticultura do Douro.

Chegavam todos os anos em bandos ou «empreitas», oferecendo os seus serviços pelas quintas, onde ficavam, geralmente, entre o final da vindima e o final da Primavera. A documentação duriense da época, desde os registos paroquiais à contabilidade das quintas, está cheia de naturais do «Reino da Galiza». Por exemplo, nos documentos das quintas da Siderma, dos Canais e dos Currais, pertencentes aos padres da Congregação do Oratório do Porto, no século XVIII e inícios do século XIX, encontramos diversas referências a «empreitas» de galegos<sup>158</sup>. Numa descrição da Quinta de Roriz, em 1756, quando a mesma pertencia ao irlandês Diogo Archbold, faz-se referência a um cardenho com a expressão «para dormirem galegos»,

155 Cf., por exemplo, CORREIA, [1938] 2010: 78; CORREIA, 1972: 71-72; CORREIA, 1974: 239.

156 CORREIA, 1968: 255-256.

157 FERNANDEZ CORTIZO, 2007: 88.

158 PEREIRA, 1984: 13-49.

significando que os trabalhadores rurais dessa quinta seriam então geralmente galegos<sup>159</sup>. E em outras quintas sucedia o mesmo. Na *Devassa* realizada em 1771, para descobrir e punir os proprietários de vinhas que haviam desrespeitado as leis da Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro, aparecem-nos dezenas de referências a grupos de galegos, que nessa vindima tinham trabalhado em diversas quintas<sup>160</sup>. Na enorme Quinta das Figueiras, o «capitalista da Régua» António Bernardo Ferreira que a comprou em 1823, iniciou, em Novembro desse ano, uma grande plantação de vinha, com uma «empreita» de 150 galegos, que continuaria nos anos seguintes, chegando a empregar, como em 1825, mais de 500 homens por dia<sup>161</sup>.

Na documentação dos séculos XVIII e XIX podemos encontrar múltiplas referências não só à importância da mão-de-obra galega na viticultura duriense mas também à imagem que então se formou dos galegos como trabalhadores humildes, frugais e que se contentavam com salários mais baixos.

Em finais do século XVIII, o fisiocrata duriense Francisco Pereira Rebelo da Fonseca calculava serem necessários mais de 20 mil jornaleiros para o granjeio das vinhas do Douro, e 40 mil durante a vindima, referindo que a maior parte desses trabalhadores vinha, habitualmente, da Galiza. Segundo esse autor, os galegos mereciam “a preferência dos lavradores pela sua humildade, e sujeição ao trabalho, e porque se contenta[va]m com alimentos menos dispendiosos”<sup>162</sup>.

Num território pouco povoado, a afluência de trabalhadores da Galiza permitia travar a tendência para a elevação dos salários, resultante da escassez de jornaleiros locais. Por exemplo, em Outubro de 1819, o comissário da Quinta de Roriz, em carta para o proprietário, Cristiano Nicolau Köpke, queixava-se da falta de braços e da subida dos salários: “[...] os homens se pagaram por mais dois vinténs e se não chegassem galegos, ainda que tarde, não se achava um homem menos de 360 réis, como alguns assim os justaram e assim lhes pagaram”<sup>163</sup>.

Em meados do século XIX, o escocês Forrester, negociante de vinhos, que conhecia bem a região do Douro, afirmava que todo o trabalho da vinha, à ex-

cepção da poda e do corte das uvas na vindima, era realizado por galegos<sup>164</sup>. Forrester referir-se-ia, certamente, tal como outros autores, às grandes quintas, que empregavam maiores ranchos de galegos, tornando-se aí mais visível a sua presença, já que a maioria das vinhas durienses, tal como hoje, pertencia a pequenos vitivinicultores, que as trabalhavam com a sua família.

Os galegos que vinham trabalhar nas vinhas durienses regressavam geralmente à Galiza natal todos os anos, depois de amealharem os seus salários. Mas nem sempre assim acontecia. Muitos adoeciam e morriam no Douro. Os registos paroquiais de óbitos<sup>165</sup>, de entradas nos hospitais<sup>166</sup> e outras fontes documentais da época estão cheios desses mártires galegos que participaram na construção do Alto Douro Vinhateiro. Alguns ainda muito jovens, com 13 ou 14 anos. A frugalidade e o rigor do trabalho das vinhas, sobretudo no Verão, quando atacavam as febres palustres, multiplicavam as vítimas.

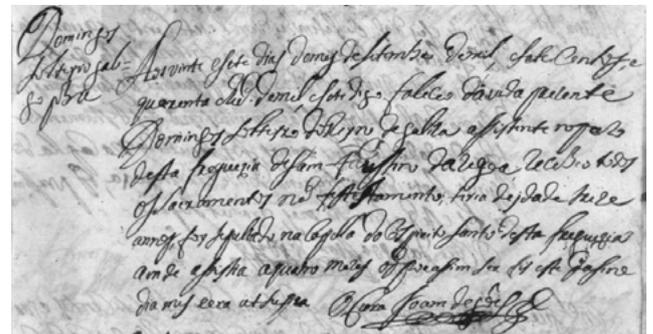


FIG. 1. REGISTO DE ÓBITO DE DOMINGOS, «POBRE», DE 13 ANOS, «DO REINO DA GALIZA», FALECIDO NO PESO DA RÉGUA, NO DIA 27 DE SETEMBRO DE 1741 (ARQUIVO DISTRITAL DE VILA REAL. PAROQUIAIS — LIVRO DE REGISTO DE ÓBITOS DA PARÓQUIA DE S. FAUSTINO DA RÉGUA, 1724-1742, FL. 197).

159 PEREIRA, 2011: 53.

160 Publicada por OLIVEIRA & MARINHO, 1983.

161 PEREIRA & OLAZABAL, 1996: 17.

162 FONSECA, 1791: 105-106.

163 PEREIRA, 2011: 109.

164 FORRESTER, 1853: 76.

165 Por exemplo, a paróquia de S. Nicolau, do concelho de Mesão Frio, chega a contar com mais de 20% de galegos no total dos óbitos, na década de 1720 a 1729. FERNANDEZ CORTIZO, 2007: 89.

166 No Hospital da Misericórdia de Mesão Frio, as entradas de doentes galegos chegam a ultrapassar os 33% do total, entre 1790 e 1794; e no Hospital da Misericórdia de Vila Real, ultrapassam mais de 25%, em 1797-1799. FERNANDEZ CORTIZO, 2007: 92.



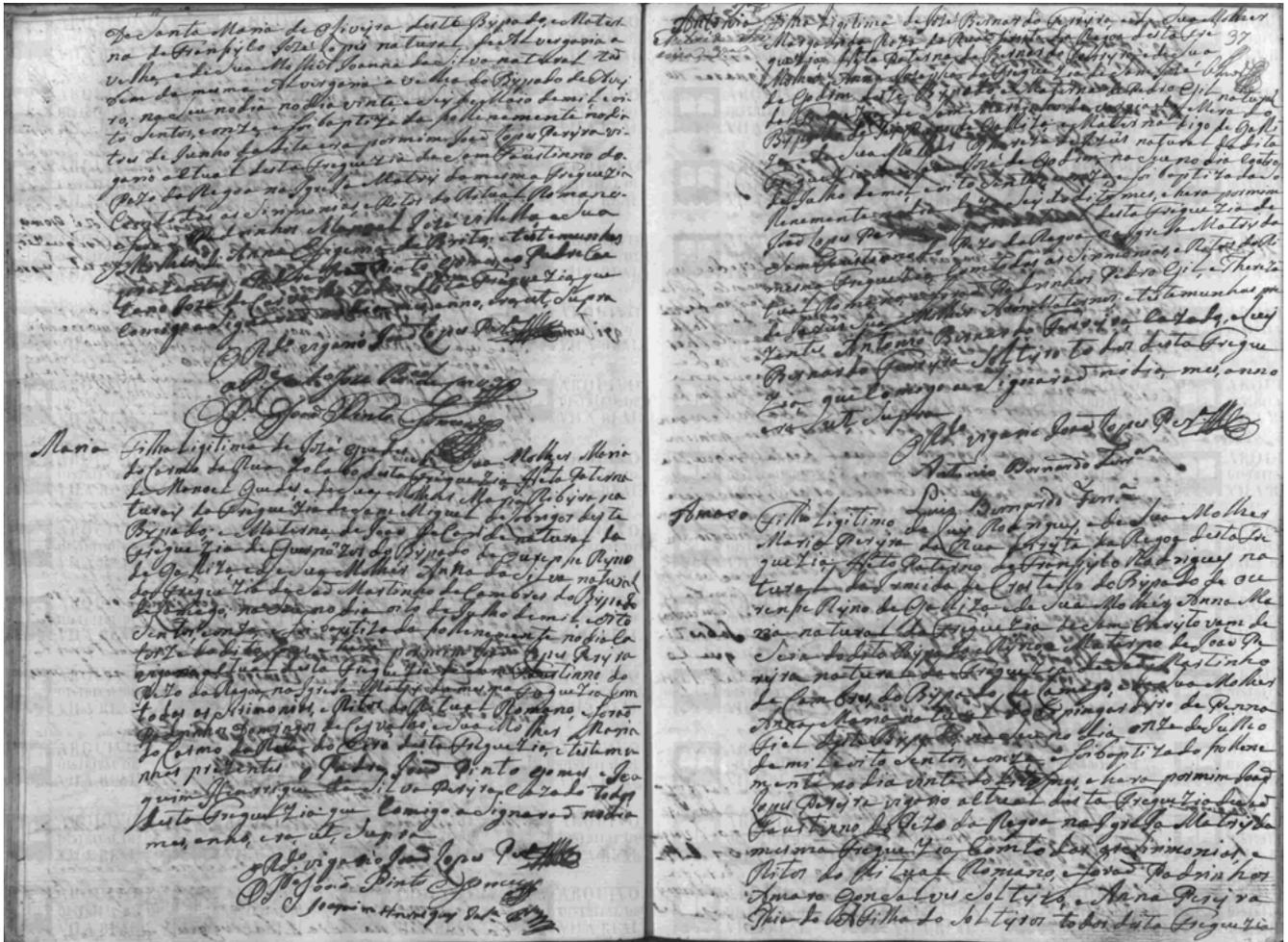


FIG. 4. REGISTOS DE BAPTISMOS DA PARÓQUIA DE S. FAUSTINO DA RÉGUA, ENTRE MAIO E JULHO DE 1811. DOS 4 REGISTOS, 3 ASSINALAM ASCENDENTES GALEGOS, ENTRE ELES O DE ANTÓNIA (ADELAIDE FERREIRA), NETA DE PEDRO GIL, GALEGO, NATURAL DE TUI. (ARQUIVO DISTRITAL DE VILA REAL. PAROQUIAIS — LIVRO DE REGISTO DE BAPTISMOS DA PARÓQUIA DE S. FAUSTINO DA RÉGUA, 1808-1816, FL. 36V-37)

ciantes. Alguns enriqueceram. Em algumas das mais ricas famílias do Douro corre também sangue galego. Basta referirmos a ascendência da célebre D. Antónia, a maior proprietária duriense do século XIX. O seu avô materno, Pedro Gil Gargamalla, era natural de Tui e estabeleceu-se na Régua por volta de 1783 com uma pequena loja de fazendas. Poucos anos depois viria a relacionar-se com uma rapariga de Godim, Teresa de Jesus. Dessa relação nasceu Margarida Rosa, baptizada como filha de pai incógnito, mas que Pedro Gil reconheceria um ano depois, provavelmente quando decidiu casar com Teresa. Entretanto, Pedro Gil terá conseguido alguma fortuna para se abalançar a negócios mais largos. No início do século XIX, envolveu-se no tráfico de vinhos, aparecendo em alguns anos como arrendatário de várias adegas, movimentando centenas de pipas de vinho, com negócios com empresas exportadoras de vinhos do Porto, como a Sandeman, a Köpke, a Croft e outras. Em 1809, casaria a sua filha

Margarida Rosa com José Bernardo Ferreira (pais de Antónia Adelaide Ferreira), que se lhe reuniria nos negócios do vinho, chegando a formar uma empresa comum, *Pedro Gil & Ferreira*, com armazéns em Gaia e no Douro e com actividade exportadora para o Brasil e para Inglaterra, embora se dedicassem sobretudo à actividade de intermediários, comprando vinhos a lavradores durienses e vendendo-os às firmas exportadoras do Porto, em certos anos, mais de mil pipas. No final da sua vida, Pedro Gil tornou-se também proprietário vinhateiro, tendo comprado as quintas de Per-o-Couto e do Rodo, na Régua<sup>169</sup>.

Poderíamos referir muitas outras famílias com sangue galego, com maior ou menor notoriedade regional, algumas delas que se distinguiram com obras de solidariedade, como os Vasques Osório ou os Verdial, na Régua.

169 PEREIRA & OLAZABAL, 1996.

## OS GALEGOS NA RECONSTRUÇÃO DO DOURO PÓS-FILOXÉRICO

O ritmo da imigração galega no Douro sofreu grandes flutuações anuais ao longo dos séculos XVIII e XIX, resultantes das diferentes conjunturas de crise ou de prosperidade quer na Galiza quer na região duriense. As múltiplas referências documentais parecem apontar para uma maior presença de galegos no Douro nos períodos de grande expansão ou de reconversão vitícola.

Em finais do século XIX, a epopeia da reconstrução do vinhedo duriense, que havia sido totalmente devastado pela filoxera desde os anos sessenta, foi protagonizada, em grande parte, por galegos. É provável que, numa primeira fase, a destruição das vinhas e o empobrecimento dos viticultores tivessem feito retrair a oferta de trabalho. Ainda assim, o número de trabalhadores galegos contava-se por milhares. No início dos anos setenta, por exemplo, a imigração galega nos distritos de Bragança, Vila Real, Guarda e Viseu, que abrangiam concelhos da região duriense, rondava os 5 mil trabalhadores anuais<sup>170</sup>. Em meados dessa década, segundo o Visconde de Vila Maior, a maior parte dos trabalhos de plantação das vinhas do Douro era feita por galegos: «A plantação do bacelo e os trabalhos correlativos são geralmente feitos de empreitada, e, regra geral, os empreiteiros são galegos. / São três as operações principais deste serviço: 1.ª a abertura dos valados; 2.ª a plantação propriamente dita, com o suchiamento e escombramento; 3.ª a construção dos calços ou muros de suporte. As duas primeiras fazem sempre o objecto de uma única empreitada, que se deve computar equivalente a 100 jornais por cada mil baceles, pagando-se estes pelo duplo do preço corrente mais uma certa porção de comestíveis. A 3.ª também se pode fazer por empreitada; mas atendendo à dificuldade de fazer previamente as medições exactas neste género de trabalhos, preferem muitos mandar executar as obras a jornal. Os pedreiros que nelas trabalham são arraianos da Galiza, das imediações de Melgaço, cujos bandos, como aves de arrição, aparecem por estes sítios regular e periodicamente no mês de Outubro para de novo se ausentarem para as suas montanhas no mês

170 *Primeiro Inquérito Parlamentar sobre a emigração portuguesa pela Comissão da Camara dos Senhores Deputados*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1873, p. 508-511.

de Abril seguinte»<sup>171</sup>. E o repórter britânico Henry Vizetelly, que visitou demoradamente a região em 1877, escrevia: «A enxofra, juntamente com a poda e a erguida, é feita pelos lavradores da região; mas todo o trabalho duro da vinha, desde a preparação dos socalcos e construção dos muros de pedra até ao transporte dos pesados cestos de uvas para os lagares, e a sua pisa, é realizado pelos esforçados e frugais Galegos, uns 8 mil dos quais encontram emprego no Alto Douro»<sup>172</sup>.

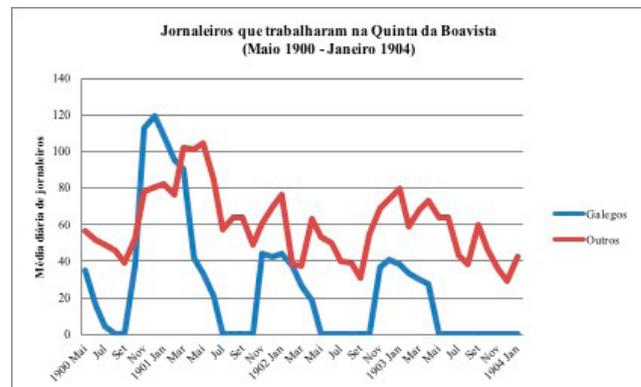
A partir de meados dos anos oitenta do século XIX, a construção da linha férrea facilitou a formação de grandes quintas vinhateiras na zona do Douro Superior. Foi por esta altura que D. Antónia Adelaide Ferreira, a maior proprietária do Douro, iniciou a formação da enorme Quinta de Vale Meão, nos terrenos baldios que comprara ao concelho de Vila Nova de Foz Côa. O projecto da quinta, com largas estradas de acesso a extensos vinhedos, foi executado, em parte, pelo empreiteiro galego António Orge Passos, e, durante alguns anos, trabalharam aí centenas de jornaleiros, muitos deles galegos<sup>173</sup>.

Entre finais do século XIX e os primeiros anos do século XX, investiu-se também na replantação de muitas quintas destruídas pela filoxera no Baixo Corgo e no Cima Corgo. Por essa altura, a reconstrução da Quinta da Boavista, em Covas do Douro, pertencente aos filhos do Barão de Forrester e aos seus sócios da Offley, Cramp & Forresters, exigiu grandes surribas e plantações, com a construção de possantes muros de xisto dos socalcos, muitos deles ainda existentes.

171 VILA MAIOR, 1876: 51-52.

172 VIZETELLY, 1880: 89.

173 PEREIRA & OLAZABAL, 1996: 139-140.



FONTE: QUINTA DA BOAVISTA — LIVRO DE FÉRIAS DO SERVIÇO DA QUINTA DA BOAVISTA, 1900-1905.

Sob a direcção do caseiro da quinta, primeiro Luís Roseira (falecido em 1896), depois Albino Bártolo da Silva<sup>174</sup>, empregaram-se então nesses trabalhos sucessivas «empreitadas» de galegos, geralmente entre finais de Outubro ou Novembro, depois de terminadas as vindimas, até Abril do ano seguinte, chegando a reunir cerca de 120 trabalhadores. Por vezes, alguns galegos permaneciam na quinta para o trabalho das cavas. Em relação aos trabalhadores portugueses, os galegos eram mais mal pagos (aqui e ali, nas duras operações de surriba, aparece-nos a expressão «por preço de cava») e, até 1897, recebiam uma ração alimentar inferior (menos duas sardinhas e menos uma medida de arroz ou batatas por dia)<sup>175</sup>.

No período da reconstrução pós-filoxérica do vinhedo, a maior parte dos trabalhadores galegos dirigiu-se para o Alto Douro central, onde se localizavam as maiores quintas. Os concelhos de Sabrosa, Alijó, Carraceda de Ansiães e S. João da Pesqueira concentravam, em 1890 e 1900, respectivamente, 71% e 73% dos galegos presentes em todos os concelhos da região<sup>176</sup>. Esta distribuição contrasta com a do período anterior, entre inícios do século XVIII e meados do século XIX, em que a migração galega se concentrava mais no Baixo Corgo e na zona da Régua, reflectindo o reordenamento do vinhedo regional no período pós-filoxérico, com uma expansão para leste.

## O FIM DA MIGRAÇÃO GALEGA PARA O DOURO VINHATEIRO

Se consultarmos os *Recenseamentos da População*, entre 1890 e 1940, que nos fornecem o número de estrangeiros presentes, em 31 de Dezembro, em cada concelho e por países de naturalidade, verificamos que, nos concelhos da região do Douro, os espanhóis (a maioria dos quais seria de origem galega) são largamente dominantes até 1920. No entanto, após terem atingido valores ainda expressivos em 1890 e 1900, no período das grandes plantações pós-filoxéricas, o seu número desceu continuamente a partir do censo de 1911, até se reduzir a menos de uma centena em 1940.

A descida brusca das migrações galegas para o Douro vinhateiro, a partir do início do século XX, relaciona-se com a crise comercial do vinho do Porto, que fez travar as novas plantações e reduziu a oferta de trabalho no Douro, ao mesmo tempo que estimulou a emigração de muitos trabalhadores durienses. A presença de galegos diminuiu substancialmente, até se tornar cada vez mais rara no período entre as duas guerras.

174 Bisavós paternos de José Alexandre Roseira, de Covas do Douro. Pouco antes de falecer, em Abril de 2015, José Alexandre confiou-me o *Livro de férias do serviço da Quinta da Boavista*, onde seu bisavô Albino Bártolo da Silva registou todos os trabalhos realizados e os pagamentos aos trabalhadores entre Maio de 1900 e Maio de 1905.

175 A ração alimentar diária dos trabalhadores galegos foi equiparada à dos portugueses a partir de Novembro de 1897. Arquivo Forrester — *Diário da Quinta da Boavista*, 1890-1902.

176 *Recenseamentos da População*, 1890 e 1900.

«Espanhóis» presentes nos concelhos do Douro, em 31 de Dezembro (1890-1940)<sup>177</sup>:

Concelhos	1890	1900	1911	1920	1930	1940
Alfândega da Fé	26	10	8	1	1	3
Carrazeda de Ansiães	349	299	24	21	17	10
Freixo de Espada à Cinta	47	100	33	5	11	0
Mirandela	100	96	63	28	27	3
Torre de Moncorvo	100	60	25	3	3	12
Vila Flor	84	48	11	11	6	0
Figueira de Castelo Rodrigo	29	11	15	14	12	0
Meda	8	10	4	3	7	0
Vila Nova de Foz Côa	89	107	28	9	1	0
Alijó	644	892	112	52	6	8
Mesão Frio	8	1	0	2	1	0
Murça	38	55	15	5	16	0
Peso da Régua	101	80	61	34	9	7
Sabrosa	542	936	54	47	8	3
Santa Marta de Penaguião	45	22	18	3	8	2
Vila Real	69	141	39	27	13	12
Armamar	4	146	1	3	1	3
Lamego	10	24	7	6	3	5
Resende	3	3	2	0	0	1
S. João da Pesqueira	416	426	36	9	0	5
Tabuaço	19	33	12	22	3	6
<b>TOTAL</b>	<b>2.731</b>	<b>3.500</b>	<b>568</b>	<b>305</b>	<b>153</b>	<b>80</b>

FONTE: RECENSEAMENTOS DA POPULAÇÃO, 1890 A 1940.

## FONTES E BIBLIOGRAFIA:

### Fontes manuscritas:

Arquivo Distrital de Vila Real. Paroquiais — *Livro de Registo de Óbitos da Paróquia de S. Faustino da Régua*, 1724-1742.

Arquivo Distrital de Vila Real. Paroquiais — *Livro de Registo de Óbitos da Paróquia de Loureiro*, 1742-1763.

Arquivo Distrital de Vila Real. Paroquiais — *Livro de Registo de Óbitos da Paróquia de Poiães*, 1728-1759.

Arquivo Distrital de Vila Real. Paroquiais — *Livro de Registo de Baptismos da Paróquia de S. Faustino da Régua*, 1808-1816.

Arquivo do Paço de Guminhães — *Petição feita por José Manuel de Novaes contra o caseiro da Quinta de Ventozelo, Lucas Galego, por não poder utilizar o caminho público que a atravessa*, 19.12.1790.

Arquivo Forrester — *Diário da Quinta da Boavista*, 1890-1902.

Quinta da Boavista — *Livro de férias do serviço da Quinta da Boavista*, 1900-1905.

### Fontes impressas:

*Primeiro Inquérito Parlamentar sobre a emigração portuguesa pela Comissão da Camara dos Senhores Deputados*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1873, p. 508-511.

*Recenseamentos da População*, 1890 a 1940.

### Bibliografia:

BARRETO, António (1993) — *Douro*. Lisboa: Inapa.

CORREIA, João de Araújo (1968) — *Horas Mortas*. Régua: Imprensa do Douro.

CORREIA, João de Araújo (1972) — *Palavras fora da boca*. Régua: Imprensa do Douro.

CORREIA, João de Araújo (1974) — *Pó levantado*. Régua: Imprensa do Douro.

CORREIA, João de Araújo (1938) — *Sem Método*. Régua: Imprensa do Douro; (2010) — *Sem Método*. Porto: Modo de Ler.

FERNANDEZ CORTIZO, Camilo J. (2007) — *La emigración gallega a la provincia portuguesa de Trás-os-Montes y Alto Douro (1700-1850): evolución temporal, tipología y localidades de partida y de destino*. «Douro. Estudos & Documentos», n.º 22. Porto: GEHVID, p. 79-112.

FONSECA, Francisco Pereira Rebelo da (1791) —

*Memória sobre o estado da Agricultura, e Comércio do Alto Douro*. In *Memórias Económicas da Academia Real das Ciências de Lisboa*. Tomo III. Lisboa: Academia Real das Ciências de Lisboa.

FORRESTER, Joseph James (1853) — *The Oliveira prize. Essay on Portugal*. Londres: John Weale.

OLIVEIRA, António Braz de; MARINHO, Maria José, org. (1983) — *Devassa a que mandou proceder Sua Majestade no Território do Alto Douro pelo Desembargador António de Mesquita e Moura*. Lisboa: Biblioteca Nacional.

PEREIRA, Gaspar Martins (1984) — *As quintas do Oratório do Porto no Alto Douro*. «Revista de História Económica e Social», n.º 13. Lisboa: Sá da Costa Editores, p. 13-49.

PEREIRA, Gaspar Martins (2011) — *Roriz. História de uma Quinta no coração do Douro*. Porto: Afrontamento.

PEREIRA, Gaspar Martins; OLAZABAL, Maria Luísa (1996) — *Dona Antónia*. Porto: Edições Asa / A. A. Ferreira.

VILA MAIOR, Visconde de (1876) — *O Douro Ilustrado*. Porto: Magalhães & Moniz.

VIZETELLY, Henry (1880) — *Facts about Port and Madeira*. Londres: Ward, Lock & C.º.